

Marcello Felisberto Morais de Assunção
(Org.)

AO SUL DO ATLÂNTICO NEGRO

Interpelações Decoloniais/Afrodiaspóricas
ao campo das Relações Internacionais



AO SUL DO ATLÂNTICO NEGRO

INTERPELAÇÕES DECOLONIAIS/AFRODIASPÓRICAS
AO CAMPO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Organizadores

Marcello Felisberto Moraes de Assunção



Diagramação: Marcelo Alves

Capa: Gabrielle do Carmo



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S949 Ao sul do Atlântico negro: interpelações decoloniais/afrodiaspóricas ao campo das relações internacionais [recurso eletrônico] / Marcello Felisberto Moraes de Assunção (orgs.). Cachoeirinha : Fi, 2023.

315p.

ISBN 978-65-85725-56-9

DOI 10.22350/9786585725569

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Relações internacionais – Afrodiaspora – Colônias. I. Assunção, Marcello Felisberto Moraes de.

CDU 327:930(6)

Catalogação na publicação: Mônica Ballejo Canto – CRB 10/1023

APRESENTAÇÃO

INTERPELAÇÕES DECOLONIAIS/AFRODIASPÓRICAS AO CAMPO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

*Marcello Felisberto Morais de Assunção*¹

Têm se tornado cada vez mais evidente a franca “decadência disciplinar” (GORDON, 2017) da forma tradicional ao qual o *habitus escolástico* produziu os saberes nas universidades ocidentais/neoliberais. Entre tantas questões a criarem limites entre a oxigenação deste espaço e os seus limites estruturais está a chamada “questão racial” e as suas diversas “intersecções” (gênero, classe, sexualidades, região, etc.). Por muito tempo essa discussão ficou relegada à campos muito estritos como a sociologia/antropologia é sempre sobre o paradigma do “negro-objeto”². Essa chave de leitura fez com que de um lado os negros fossem os únicos objetos de estudo da “teoria crítica da raça” e ao mesmo tempo condicionou a leitura desses processos a corporeidade do sujeito clássico à ocupar as cátedras

¹ marcellofma@gmail.com

² Aqui referimo-nos as interpelações do sociólogo Guerreiro Ramos as ciências sociais do seu tempo como de um lado reificadoras da agência negra, por serem constituídos quase em sua totalidade por brancos, mas como também modulado na referência de uma visão de mundo ocidental embranquecida, como este reiterava: “Povos brancos, graças a uma conjunção de fatores históricos e naturais, que não vem ao caso examinar aqui, vieram a imperar no planeta e, em consequência, impuseram àqueles que dominam uma concepção do mundo feita à sua imagem e semelhança. Num país como o Brasil, colonizado por europeus, os valores mais prestigiados e, portanto, aceitos, são os do colonizador. Entre estes valores está o da branquira como símbolo do excelso, do sublime, do belo. Deus é concedido em branco e em branco são pensadas todas as perfeições. Na cor negra, ao contrário, está investida uma carga milenária de significados pejorativos. Em termos negros pensam-se todas as imperfeições” (RAMOS, 1995, 171).

universitárias e campos culturais: o branco, masculino, oriundo de classes abastadas e heterossexual.

A trajetória do centramento dos saberes/conhecimentos nesse falso universalismo tem origem em um determinado momento/período histórico: a invenção do ocidente por meio da sua expansão político e militar que se desdobra na produção da mundialização capitalista racializada a partir do que Immanuel Wallerstein referiu-se como o “longo século XVI” (1450-1650). O pensamento afrodiaspórico e a teoria decolonial latino-americana se debruçaram – através de diferentes ângulos, propostas e conceitos – exatamente nas formas aos quais esse processo de expansão capitalista por meio de um “sistema atlântico” teve o racial não só como um apêndice desse processo histórico, mas como categoria mestre da organização do mundo moderno.

Através dessa crítica é possível apreender também que as categorias do “branco/ocidental/europeu” foram criações concomitantes a invenção do negro, indígena e do mestiço. Estas taxinomias, atualizadas ao longo do tempo, foram criações históricas fundadas para legitimar o sistema de dominação mundializado em emergência desde o século XV. A referencialização no padrão branco/ocidental/europeu foi um percurso central para que através deste espelho idealizado fosse inventada a inferioridade/subalternidade dos “outros” do “colonialismo/racismo”.

Essa invenção produziu o que autores da tradição decolonial/afrodiaspórica tem chamado de “epistemicídio” (CARNEIRO, 2005). Nesta leitura as universidades/campos culturais não foram só

³ Existe um esforço recente de associar a teoria decolonial a práxis e pensamento dos sujeitos racializados, em especial no contexto da afrodiáspora, ver: BERNARDINO-COSTA; GROSFUGUEL; MALDONADO-TORRES (2019); ASSUNÇÃO; MIRANDA (2021).

expectadores dos diversos genocídios/morticínios da população racializada/colonizada, mas criaram o fundo epistêmico que legitimou/organizou a sujeição destas etnias/povos racializados por categorias de pretensão universal. Não é arbitrário que Enrique Dussel, filósofo central para a teoria decolonial, invoca o *Ego Conquiro* como o antecessor do *Ego Cogito* cartesiano (DUSSEL, 1992), pois há uma imbricação fundamental entre a racialização das identidades geoculturais e a formação da produção de conhecimento no “norte global” e por suas sucursais miméticas ao “sul”.

Entretanto, é preciso reiterar que por muito tempo os estudos decoloniais/afrodiaspóricos reforçaram o centramento deste processo na figura dos sujeitos racializados, excluindo dois processos fundamentais, a saber: a) o papel de uma identidade branca/europeia/ocidental na modulação da racialização e dos saberes correlatos (o que certamente tem relação com o fato da maior parte dos pais fundadores da teoria decolonial serem brancos); b) as resistências/práxis dos sujeitos racializados por meio do que chamaremos de “analíticas da colonialidade”, que se desdobram não só pelas formas tradicionais do conhecimento escrito, mas em especial por saberes (transmitidos fundamentalmente pela oralidade, musicalidade e corporeidades) não reconhecidos pelas academias/campos culturais hegemônicos.

O primeiro problema nós condiciona a pensar em que medida a identidade branca tem sido objeto de estudo por aqueles que pensam uma “teoria crítica da raça” e a refundação dos campos intelectuais, é porque por tanto tempo esse elemento foi secundarizado na análise. Já a segunda questão está imbricada ao fato de que os atores dos campos intelectuais à se apropriarem das críticas afrodiaspóricas/decoloniais

foram em larga medida o próprio sujeito modular do saber ocidental/branco/masculino/heterossexual à condicionar os negros/indígenas a objetos sem agência no âmbito da própria produção/teorização dos saberes e campos intelectuais.

Está problemática tem uma profunda relação com as reformulações das disciplinas, em franca decadência disciplinar, é que tem sido afrontadas pelos sujeitos racializados que ao entrarem nos espaços hegemônicos, e tradicionalmente exclusivos de uma certa elite branca, confrontam as ementas/planos de curso propondo outras formas de ver/sentir/interpretar o mundo por meio da categoria do “racial”. As ações afirmativas na graduação e pós-graduação foram fundamentais para revitalizarem o corpo discente (com pessoas negras/periféricas) que mobilizou a universidade a rever os parâmetros de conhecimento, abalando parte do imenso iceberg da “ignorância branca” que funda as suas bases.

O campo das Relações Internacionais está profundamente imbricado à este processo de reformulação dos currículos e de tensionamento da supremacia racial branca ao qual experienciamos no ambiente universitário brasileiro. A partir da minha experiência como professor na disciplina *Ao sul do Atlântico Negro: Entre o “Atlântico Pardo” e a América Afro-Latina* ofertada no mestrado em Relações Internacionais da UNILA pude entrar em diálogo com vários pós-graduandos em formação é que hoje já não aceitam as chaves canônicas

⁴ O filósofo afro-americano Charles S. Mills referia-se a “ignorância branca” como o processo de padronização das epistemologias (pensando em especial o campo filosófico) sobre a referência branca/ocidental, construindo uma consciência extremamente limitada da diversidade para além cânone. Para Mills era preciso construir uma “segunda consciência” (aqui ele refere-se diretamente as leituras de W. B. Du Bois) que busca-se ir além do olhar alienado do cânone e da visão de mundo dominante e reproduzida a nível das produções intelectuais/culturais, ver: MILLS (2013; 2018).

ao quais gerações anteriores foram formadas. O debate sobre o racial e as suas intersecções é dentro deste escopo questão fundamental não só da renovação dos objetos, mas do confronto à própria memória disciplinar das RI's. Este livro é em grande parte resultado dessas trocas é diálogos com estes novos agentes sociais que têm revolucionado as formas de ver e pensar a racialização/intersecção do cânone, sendo ainda os primeiros passos de um processo mais complexo de transmutação do campo intelectual.

Para dar conta destas problemáticas dividimos o livro em duas grandes partes. Na primeira buscamos demonstrar as possibilidades de reestruturação do campo das relações internacionais através das epistemologias decoloniais/afrodiaspóricas. Em seguida, na segunda parte, esboçamos as conexões entre o campo das RI's e o da História por meio de problemáticas e fundamentos afrodiáspóricas e decoloniais.

Fouchard Louis e Sanel Charlotin abrem a primeira parte do livro com reflexões que incidem diretamente sobre a crítica ao cânone das Relações Internacionais, problematizando o seu referente eurocêntrico e brancocêntrico – não atoa dois pesquisadores/intelectuais haitianos do campo das RI's. Fouchard o faz a partir de uma análise mais global do campo e das possibilidades de uma decolonialidade/afrodiaspórica para a sua descolonização e Sanel através da crítica ao subcampo da segurança internacional. Em seguida, Gabriel Gonzaga esboça uma análise sobre a contribuição de Paul Gilroy, em especial no livro *O Atlântico Negro*, para as relações internacionais, esmiuçando como as categorias de Gilroy são operacionais para a refundação do campo.

Mayara Amaral de Andrade busca também explorar a operacionalização de categorias do pensamento afrodiaspórico para o campo das relações internacionais, dando ênfase especificamente as categorias de Lelia Gonzalez para o campo, nomeadamente, para a construção da política externa brasileira para além do referente racializado e generificado.

Os dois próximos textos buscam lidar com a complexa relação entre gênero e o cânone das relações internacionais. Alessandra Viviane explora a relação do trabalho doméstico no Brasil e Angola, buscando entender as conexões afro-atlânticas no âmbito do cariz racializado/generificado com partilhado por essas trabalhadoras. Aisha Sayuri Agata da conta dessa problemáticas a partir do estudo da práxis das mulheres afrolatinoamericanas na construção de um debate internacional sobre o antirracismo, esboçando principalmente a suas participações na construção de “Durban”.

Por fim, encerramos a primeira parte com o trabalho de Emanuely Gestal da Silva sobre as conexões internacionais entre Cuba e África em torno da luta anticolonial, esboçando os laços e solidariedades que conectaram historicamente estes países.

Nos primeiros três textos que inauguram a segunda parte do livro os autores buscam evidenciar a importância dos movimentos afrodiaspóricos e terceiro mundistas na reorganização das relações internacionais e do debate sobre as linhas globais de cor. Muryatan S. Barbosa faz uma análise extensa da contribuição do panafricanismo para a revitalização do campo das RI's. Em seguida, Adelaide Vieira Machado busca demonstrar os primórdios do movimento de solidariedade afroasiático através do diálogo entre periódicos goeses e moçambicanos dos anos 1920/1930. Fechando esse eixo Raissa Brescia dos Reis e Taciana Almeida Garrido esmiuçam uma análise sobre os ecos

de Bandung na reconstrução/descolonização do pensamento no âmbito das relações internacionais.

Petrônio Domingues esboçou a presença do racismo no Itamaraty e a reação/interpelação do associativismo negro diante deste processo. Manoel de Jesus e Matheus dos Santos buscam por meio da obra diáspórica de Abdellah Taia, romancista marroquino que viveu na França, compreender as conexões no Atlântico em torno não só da questão racial, mas também da temática queer. Por fim, Laura Carla Franchi esmiuça uma espécie de ensaio performático ao qual através da estetização da sua experiência como professora interpela uma série de temáticas próprias das reflexões sobre racismo, migração e xenofobia por meio da centralidade da experiência haitiana em londrina.

Desejamos uma boa leitura e que essa obra seja a primeira de muitas outras reflexões que busquem superar o caráter ainda eurocêntrico/brancocêntrico/androcêntrico do cânone dentro e fora do campo das RI's.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Morais; MIRANDA, Fernanda Rodrigues (Orgs.).

Pensamento afrodiáspórico em perspectiva: abordagens no campo da História e Literatura - Volume 1: História. 1ed.Porto Alegre: FI, 2021.

BERNARDINO-COSTA, Jorge; GROSFUGUEL, Ramón; MALDONADO-TORRES, Nelson (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Tese de doutorado, São Paulo: USP, 2005.

DUSSEL, Enrique. **1992:** O encobrimento do outro. A origem do mito a modernidade. São Paulo: Vozes, 1992.

GONZALEZ, Lelia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: RIOS, Flávia. LIMA, Márcia (orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020 [1988].

GORDON, Lewis. Decadência disciplinar e a de(s)colonização do conhecimento. **Revista Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v.1, n.1, 2017, p. 110-126.

Maldonado-Torres, N. (2021). Notes on decolonizing philosophy: Against epistemic extractivism and toward the abolition of the canon. **Hispanic/Latino Issues in Philosophy**, v. 21, n. 1, 11-15.

MILLS, Charles. O contrato de dominação. **Meritum**, Belo Horizonte – v. 8 – n. 2 – p. 15-70 – jul./dez. 2013.

MILLS, Charles W. Ignorância Branca. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa, v. 17, n. 1, 2018, p. 413-438.

Ramos, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.